

## **O Jovem e o Mundo do Trabalho na Era Digital: discussão preliminar sobre as representações do trabalho no ambiente *on-line*<sup>1</sup>**

Teresinha Cristiane de Moraes<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

### **RESUMO**

O texto tem como proposta discutir o espaço digital como ambiente importante no debate de formação para o mundo do trabalho, pensado especificamente para o jovem. É na transição para o mundo do trabalho que o jovem deixa de lado, definitivamente, seu “estado de juventude”, saindo da condição de irresponsabilidade social e passando a ser reconhecido nos espaços do homem adulto. Pressupõem que o debate sobre o mundo do trabalho se deslocou parcialmente para o ambiente digital e que nesse espaço questões complexas ainda não são travadas em profundidade. À universidade e ao professor cabe ainda o papel de mediação no processo de transição da juventude para o mundo do adulto e do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interfaces Comunicacionais; Juventude; Educação; Trabalho.

### **Introdução**

Os estudos sobre a juventude chamam a atenção de investigadores sobre os mais variados olhares: a construção histórica da categoria, as formas de participação e emancipação juvenis, as questões de gênero, a sexualidade, as questões de segurança e qualidade de vida, as relações e as formas de inserção na sociedade etc. Por outro lado, o interesse do pesquisador por determinados problemas está sempre relacionado a questões que surgem do momento histórico, mas passam por clivagens dadas pelo grupo de referência do qual faz parte. A idéia de “campo” elaborada por Bourdieu (1983) ajuda a compreender como o discurso e as práticas de determinados espaços podem direcionar interesses, embora individuais, levando sujeitos a definir seus temas de acordo com as órbitas em torno das quais circulam. Evidentemente, o pesquisador

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Docente nas faculdades de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Atualmente, é diretora da Faculdade de Publicidade e Propaganda da PUC-Campinas.

sempre conserva sua autonomia e um certo grau de independência, assim, se o tema não tem ressonância com seus motivos mais profundos, ele partirá em busca de outros, mas que estarão sempre referidos àqueles que a sociedade, em determinado momento histórico, definiu como problemas.

Dessa forma, a escolha pelo tema da juventude e comunicação para o desenvolvimento deste trabalho passa pelas condições histórico-científicas em que se encontra esta docente, “a maneira de compreender as ciências no mundo intelectual da qual faz parte” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992). Depois de muitos anos formando jovens na área da comunicação buscar compreender as relações entre estes sujeitos e os espaços propícios para os temas que lhes são fundamentais para a construção da vida pareceu ser pertinente.

Para este trabalho, especificamente, partiu-se de textos e relatórios já iniciados por esta docente que são meios de registro e observação do tema juventude desde 1998. Com a preocupação de compreender como os jovens veem discutindo o tema trabalho, o espaço digital como ambiente de comunicação destes sujeitos vem sendo fonte de observação da docente. Para a elaboração do processo de investigação foram escolhidos sites juvenis ou de acesso de jovens, selecionado o guia de mídia e, de início, 54 sites relacionados. Para o início do processo exploratório de investigação foram selecionados dois sites para verificação da abordagem que se pretende aqui desenvolver.

## **1. A juventude como categoria social trabalho e espaço digital**

As questões postas para o debate neste trabalho expressam a convicção da relevância do estudo que envolve o campo da comunicação e os aspectos relacionados à juventude. Uma leitura ampla dessa temática mostra a dimensão interdisciplinar que tal investigação exige e a contribuição de disciplinas que antecedem a comunicação no estudo específico das questões da juventude como a sociologia, a psicologia, a história, a antropologia, a educação, etc.

Com a sociologia e Bourdieu (1984), aprendemos que tanto a juventude quanto a velhice não são objetos dados, mas construídos socialmente na luta entre ambos: aos mais velhos, em razão de suas experiências de vida, foi reservada a sabedoria, isto é, a condição necessária para a participação e decisão nos assuntos e coisas do poder. Aos

mais jovens relaciona-se uma ideologia da virilidade e da irresponsabilidade, o “estado de juventude”, o distanciamento dos espaços decisórios. O autor considera que as relações entre idade social e idade biológica são muito complexas, e que a classificação etária para divisão entre jovens e velhos é arbitrária para o entendimento desses sujeitos, pois os colocam vivendo em consonância, exclusivamente, com suas fases de vida. Assim, tratar os jovens como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns, relacionado à determinada faixa etária constitui uma forma de manipulação da categoria.

A juventude deve ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens de diferentes situações sociais (PAIS/s.d.). Nesse sentido, seria um “abuso de linguagem”, como refere Bourdieu (1984), submeter sob o mesmo conceito, universos sociais que não têm entre si praticamente nada em comum. Diferenças de sexo, de cultura, de região, de classe, oportunidades, de espaços de socialização e de acesso à informação fazem variar de maneira drástica aquilo que os jovens podem realizar, os conhecimentos que lhes são permitidos adquirir e as habilidades que desenvolvem. É possível afirmar, então, a existência de “juventudes” em uma mesma categoria (COSTA, 1997).

No Brasil, até o fim dos anos 50, a infância se prolongava até os 14 ou 15 anos, quando o jovem passava a usar as roupas de adulto, a pentear-se como tal, a ser aceito em seus grupos e preparava-se para escolher uma carreira, terminar os estudos, começar a trabalhar e até – principalmente no caso das garotas – casar. Meninos e meninas entravam no mundo dos adultos sem a fase da transição conhecida hoje como adolescência (COSTA, 1997, p.24). A partir dos anos 50 transformações ocorreram. O tempo de vida aumentou, as doenças foram controladas, o índice de mortalidade infantil diminuiu, as condições de vida melhoraram.

É fácil entender que, se o tempo de vida aumenta, ele deve ser dividido de maneira mais equilibrada, redimensionando as suas diversas fases. Uma dessas maneiras é retardar o ingresso na vida adulta, criando entre ela e a infância uma fase de transição (COSTA, 1997, p.25).

A fase construída foi a da juventude. Do ponto de vista histórico e comportamental essa transição é marcada pelo intenso desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação, pela ampliação dos mercados de consumo e pela complexidade da sociedade industrial. Presenciamos o aumento da violência e da

desigualdade social, ao mesmo tempo que as possibilidades de melhores condições de vida, trabalho e estudo se concretizaram. Nesse percurso, o jovem firma-se como um sujeito de comportamento diferenciado e, principalmente, nas décadas de 60 e 70, um dos perfis reconhecidos é o da contestação diante das incertezas do futuro. Participa dos movimentos estudantis e culturais, sendo a mídia a principal divulgadora desse padrão de comportamento.

Dos anos 80 para o século XXI, o comportamento do jovem mudou. Revelam e reclamam uma capacidade de intervenção, decisão e influência em numerosos domínios nos quais ditam modos de comportamento: gostos, idéias, moda e modo de conduta, ajudam a criar um universo que é específico do jovem, amenizando a proximidade com o mundo dos adultos.

O novo cenário da comunicação, marcado pelo crescimento vertiginoso do acesso às novas tecnologias, ao possibilitar maior liberdade de acesso e interlocução de crianças e adolescentes conectados ao ciberespaço, colabora sensivelmente para dissolução de fronteiras entre os mundos infantil e do adulto. (SAMPAIO, 2006,P.60).

No espaço on-line é possível socializar com adultos, em tempo real, opiniões e desejos que para o jovem, em um tempo passado, só seria possível em espaços específicos como universidade/escola e o trabalho. Assim, a internet amplia o universo de referência dos jovens e coloca em discussão as relações hierárquicas entre jovens e adultos.

## **2. A transição para o mundo do adulto: trabalho e espaço digital**

No entanto, é na transição para o mundo do trabalho que o jovem deixa de lado, definitivamente, seu “estado de juventude”, saindo da condição de irresponsabilidade social e passando a ser reconhecido nos espaços do homem adulto como tal. Bourdieu (1984) aponta que um dos efeitos mais poderosos da situação de adolescente decorre de uma espécie de existência separada que os coloca ‘socialmente fora do jogo’. A escola é um dos mecanismos que possibilita ao jovem estar separado das coisas do poder, sendo esse tempo o da transição para o mundo dos adultos, concretizado no mundo do trabalho. Assim, um dos fatores do prolongamento da juventude é a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Esse problema, associado às mudanças no próprio

mundo do trabalho vêm influenciando vidas pessoais e modificando as estruturas sociais. Dahrendorf (1992) já discutia as mudanças na natureza do trabalho e apontava que o trabalho, hoje, “não é mais a solução óbvia para os problemas sociais, mas uma parte do próprio problema”. Na sociedade moderna, um paradoxo com relação ao trabalho teria sido encontrado:

[ ] as sociedades modernas são sociedades de trabalho, construídas em torno de uma ética de trabalho e posições ocupacionais, mas elas também parecem ser conduzidas pela visão e pela perspectiva em aparência crescentemente realista de um mundo sem trabalho (DAHRENDORF, 1992, p.52).

Forrester (1999), parte do mesmo paradoxo apresentado por Dahrendorf (1992) para apontar a dificuldade que temos em assumirmos um mundo sem trabalho pelo fato de que ainda vemos o trabalho ligado há um tempo onde o espaço e as relações de produção eram identificáveis; indústrias bem implantadas, minas, fábricas, bancos; patrões, empregados, operários circulando sobre o mesmo local. Havia um chefe que mandava e manejava o dinheiro, o proprietário e seus herdeiros. De outro lado, sabia-se onde eram produzidas a “condição operária”, a exploração e a apropriação da riqueza. Sabia-se a quem contestar, a quem dirigir as resistências, e reconheciam-se os locais para a organização e luta.

A outra face do paradoxo do trabalho, voltando a Dahrendorf (1992), é o emprego ser o único ingresso possível para um mundo de provimentos: “ele determina a renda das pessoas, seu status social, seu respeito próprio e a maneira como organizam suas vidas”. Acontece também que a distribuição de empregos se tornou problemática e, provavelmente, não há empregos suficientes num nível salarial que a maioria associaria a um padrão decente de vida.

Fígaro (2008), desenvolve pesquisa de abordagem complexa e inovadora sobre o binômio comunicação-trabalho e indica que o conceito de trabalho transcende a definição de troca remunerada, entendido como mercadoria. A partir do estudo dos clássicos e de pensadores contemporâneos aponta o trabalho como uma atividade de um fazer necessário que visa à sobrevivência do homem em determinadas condições sociais. Assim, a atividade de trabalho é condição da própria existência do homem que transforma a matéria, pensa, planeja, aprende e cria formas complexas de relações.

(...) trabalho é atividade humana que comporta uma herança cultural e histórica das técnicas, da experiência das gerações



passadas e da experiência pessoal, o que permite ao homem uma transcendência criativa. (FIGARO, 2008,p.120)

Realizar trabalho é colocar-se de forma singular na relação com a técnica, com as normas, com os instrumentos e ferramentas do cotidiano. Ainda: é manter relação com o meio social, com colegas dentro e fora do ambiente de trabalho, com os superiores, com a família, com amigos. É viver a comunicação indissociável entre mundo do trabalho e vida pessoal.

Independente da forma ou dos sentidos que o trabalho revela em determinados momentos históricos, assumimos aqui a importância que tem tal atividade na formação do homem, na construção da cidadania. Consideramos que é no mundo do trabalho que o jovem afirma seu status de homem adulto e, portanto, compreender a razão do exercício do trabalho como fundamental e significativa para a juventude, é uma questão objetiva de sobrevivência e reconhecimento social.

Em pesquisa qualitativa realizada com alunos que concluíam os cursos de Comunicação Social da PUC-Campinas Morais (1998) verificava que aqueles que não exerciam nenhum tipo de atividade remunerada apontavam como maior medo não conseguir emprego após o término do curso. Indicavam também o receio de não serem reconhecidos profissionalmente no mercado, em função da concorrência e da própria formação. Entre aqueles que já exerciam atividade remunerada a ausência de uma vida universitária era o aspecto mais enfatizado durante os anos que passaram pelo curso. Sentiam que o tempo que passaram na Universidade não foi muito diferente do tempo de colégio, não havendo espaço adequado para estudo e pesquisa e nem eventos culturais que estimulassem a participação dos alunos. Nesse grupo, especificamente, a ausência de uma vida cultural e de atividades que estimulassem os relacionamentos no espaço acadêmico eram mais sentidos que a possibilidade do não exercício do trabalho.

Em outro levantamento com alunos dos últimos anos (Morais,2004) as aproximações entre os que exerciam e não exerciam atividade remunerada eram maiores. Ambos tinham uma visão de futuro bastante pessimista quanto à inserção no mundo do trabalho. Não acreditavam que conseguiriam emprego em curto prazo, culpando seus professores e os próprios cursos por essa realidade. Tendiam a passar a maior parte do tempo em busca de atividades de lazer e entretenimento, sendo poucos os que se envolviam com os estudos. Justificavam tal comportamento pela perda de perspectivas no mundo do trabalho e apontavam que a solução passava pela capacidade

do indivíduo, dependendo da competência e da força de cada um no momento da concorrência.

A preocupação com o trabalho, com a realização profissional e com o emprego é comum entre os jovens. Mas, para além da preocupação é importante perceber como o espaço *on-line* dialoga com o jovem sobre essa problemática. Chaves e Luz (2007) sugerem que os jovens usam os espaços *on-line* como uma espécie de laboratório social, para testar e traçar relacionamentos. É uma porta para que possam permanecer em contato permanente com outros e ao mesmo tempo com acesso à informação. É um espaço de sociabilidade onde os efeitos não podem ser ainda dimensionados nem todas suas características definidas com clareza, mas é o universo amplo que utilizam para comunicação, conhecimento e diversão.

Desde seu aparecimento no início de 1990, o uso da rede é prioritariamente associado a um perfil de usuário mais jovem que o da média da população em geral assim como as opções de consumo de mídia e de comunicação que exigem agilidade e velocidade no uso de ferramentas específicas do mundo digital. Segundo pesquisa realizada por Coutinho (2005)<sup>3</sup>, é um hábito cotidiano para a maioria dos jovens brasileiros das classes mais privilegiadas o acesso à internet (87,6%). Costumam acessar dos locais de trabalho e do domicílio, sendo o computador, na maioria das vezes, de uso pessoal ou exclusivo. Sua pesquisa revela que 53,8% afirmaram possuir computador no próprio quarto, revelando o aspecto “solitário” e único do uso da rede.

Para os jovens, a internet se converteu em um espaço importante de comunicação. A partir de mensagens pessoais e particulares, enviadas por e-mail, de uma ou mais conta, muitas das relações entre eles começam a ser construídas. Ao agregar outros grupos ou amigos a partir de vários endereços ou em cópias, as redes de relacionamentos se expandem. O contato com os amigos e com grupos mais amplos possibilita uma forma de acompanhamento de assuntos ou temas de interesse imediato do jovem. Como demonstra a mesma pesquisa de Coutinho (2005), as informações buscadas pelos jovens brasileiros estão vinculadas àquilo que entendem como prioritário ou importante em seu cotidiano: notícias em geral, dados para trabalhos de escola/faculdade, chamadas para baladas/festas/bares/shows e informações sobre mercado de trabalho e profissão.

---

<sup>3</sup> A pesquisa foi realizada em 2004 e parte da análise de 420 questionários coletados *on-line* com jovens brasileiros de 15 a 24 anos.



A preocupação com o emprego e com a possibilidade real de realizar trabalho continua sendo uma das maiores preocupações de nossos jovens. Embora ocultado muitas vezes por uma fala sobre a importância pela busca do aperfeiçoamento como especialização, MBA ou viagens de intercâmbio é o trabalho aquilo que parece ainda conectá-los ao mundo dos adultos.

Embora essa preocupação seja tratada nas universidades, na relação presencial professor-aluno, existe também um deslocamento deste debate para o espaço virtual. Ainda como uma proposta inicial de discussão, é interessante notar como alguns aspectos, antes estabelecidos pelo professor e pela universidade com relação ao jovem, parecem parcialmente escapar do controle e de um debate mais totalizante. Assim, falar sobre emprego, mercado de trabalho, novas atividades remuneradas, de técnicas exigidas para o exercício de funções, do futuro das profissões etc, parecem surtir efeito e são discutidos com interesse pelos jovens se forem pauta de uma conversa ou de um debate rápido, curto e sintético. A relação presencial é preterida, na maior parte das vezes, pelos espaços virtuais na tentativa de complementar ou refutar informações de forma mais ágil. Para o jovem o necessário é que os temas indiquem caminhos objetivos para consecução de determinadas ações ou para a realização de atividades concretas. A necessidade é que saibam realizar funções e que ao serem chamados saibam objetivamente o que fazer. Esse comportamento, que é próprio do jovem da sociedade de consumo, se dá em qualquer ambiente, virtual ou não.

Mas o aparecimento de uma nova forma de comunicação e de busca da informação não implica, necessariamente, na extinção de formas antigas de interação. O que ocorre é uma exposição maior ao que é mais atual. Dessa forma, existe também a tentativa de construção e de participação de adultos, professores ou não, em espaços *on-line* onde o tema trabalho possa ser debatido. A internet e outras ferramentas *on-line* poderão, ao longo do tempo, reorganizar a maneira com que trabalhamos nosso tempo e as relações com nossos alunos e jovens.

Na tentativa de sondar como a questão do trabalho aparece em sites que são direcionados para a juventude relacionamos endereços, e de forma exploratória, procuramos caracterizar como o conceito aparecia. Não há um debate mais atual sobre o termo e sim uma indicação objetiva para busca de empregos: modelos de currículos a serem seguidos e vagas disponíveis no mercado. As chamadas e indicações de





endereços para cadastramento e posterior participação como informantes/consumidores em pesquisa qualitativa, em Discussão de Grupos e/ou em entrevistas em profundidade por determinado valor em reais é o tipo de atividade que mais apareceu na sondagem. Na observação de algum tipo de conversa entre grupos, as discussões giravam em torno das dificuldades encontradas no relacionamento pessoal entre subordinados e chefes, esses apresentados como pessoas não merecedoras de confiança, que exercem a função de exploradores e os funcionários, de vítimas de um sistema.

Mais do que esses aspectos, percebe-se como esse ambiente ainda não consegue propiciar uma discussão que leve em conta as contradições que o termo trabalho carrega e que é tão importante de ser contextualizado para o jovem no momento atual. Sabemos que os empregos diminuem e que as formas de realização de trabalho modificam-se. Além do mercado global e o uso das novas tecnologias como características distintivas de nossa época, Sennett (2008) chama a atenção para outra dimensão de mudança: as novas maneiras de organização do tempo, mais especificamente o tempo de trabalho. No cenário atual, o jovem que tem emprego ou desenvolve algum tipo de atividade remunerada exerce várias funções e incorpora aptidões que de início não esperava tê-las. É chamado a responder e a resolver problemas diferenciados e tem energia suficiente para isso. Muda de emprego e responde a novas oportunidades de maneira muito rápida.

O sinal mais tangível dessa mudança talvez seja o lema “Não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho. (SENNETT, 2008, p.21).

Indica que o emprego está sendo substituído pela concepção de projetos e que a força de trabalho passa a ser contingente. As modernas tecnologias são um dos aspectos que propiciam essa mudança, de exercer trabalho a “curto prazo” (Sennett, 2008). A organização baseada na comunicação em rede possibilita que o trabalho seja desenvolvido por equipes mais adaptadas a determinadas tarefas e que possam ser trocadas em função da necessidade da própria empresa. A possibilidade de desenvolver trabalho e estabelecer comunicação e contato em rede desterritorializa o homem, mas ao mesmo tempo cria uma “situação em que vários sistemas de proximidade e vários espaços práticos coexistem” (Lévy, 2001, p. 22). Ou seja, a virtualização cria outra

realidade como que baseada numa cultura nômade que em cada espaço redefine aspectos próprios.

Essa nova forma de exercer trabalho traz também um dilema para Sennett: a incapacidade de estabelecer relacionamentos baseados no compromisso mútuo, na confiança e na lealdade, pois essas são características próprias de laços sociais que levam tempo para surgir. Num cenário que privilegia ações e/ou projetos de curto prazo as instituições trocam constantemente equipes e redirecionam funções, impossibilitando que relacionamentos entre colegas de trabalho se construam e que o próprio ambiente de trabalho seja entendido como espaço de compromisso duradouro. Viver experiências em várias empresas e/ou realidades passa a ser um aspecto bastante valorizado pelo jovem profissional e pelo mercado que contrata.

Nesse cenário, o jovem empreendedor e de iniciativa parece ser o mais predisposto ou adaptado a responder as exigências do trabalho em rede. Tapscott (1999) já indicava nos estudos sobre a Geração Net que a mentalidade dos jovens e a forma deles se relacionarem com o mundo através das ferramentas digitais os colocavam como os futuros profissionais do conhecimento e empreendedores de negócios inovadores. Caracteriza essa geração como curiosa, contestadora, esperta, centrada, capaz de se adaptar, com excelente auto-estima e orientada para a globalização. De certa forma, deposita na relação ferramentas digitais e cultura juvenil, a capacidade de auto-regulamentação. Aparentemente, os conflitos que o próprio trabalho produz não são analisados, pois não explicita o aspecto ambiente de trabalho como espaço de relacionamento entre pessoas.

### **Considerações Finais**

As novas tecnologias e a possibilidade de interação nos espaços *on-line* propiciaram aos homens formas inovadoras de desenvolvimento do trabalho. Contraditoriamente, podem também ser entendidos como espaços funcionais, condicionados às demandas específicas de mercado, que sobrevivem única e exclusivamente no tempo de duração do projeto de trabalho.

A capacidade de reunir mão-de-obra para projetos e tarefas em qualquer lugar, a qualquer momento e depois dispersá-la com a mesma facilidade criou a possibilidade de formação da empresa virtual como entidade funcional (...) O aumento extraordinário

da flexibilidade e adaptabilidade possibilitadas pelas novas tecnologias contrapôs a rigidez do trabalho à mobilidade do capital. Seguiu-se uma pressão contínua para tornar contribuição do trabalho a mais flexível possível. (CASTELLS, 2000, p. 298).

Essa dualidade no mundo do trabalho, fundada a partir do uso das novas tecnologias, possibilita o levantamento de aspectos cada vez mais importantes na formação de nossa juventude. Se no mundo do trabalho o jovem concretiza sua transição para a condição de adulto é necessário refletir, portanto, sobre as características que estruturam as formas de realizar trabalho. É necessário compreender que as tecnologias da informação desencadearam a desagregação do trabalho, impossibilitando cada vez mais a manutenção de laços sociais duradouros e o compromisso com propostas de longo prazo.

A possibilidade de formamos jovens cada vez mais imediatistas e sem paciência para pensar questões mais complexas é realidade. Assim, mais do que nunca as questões da ética e da solidariedade humana são essenciais. Por mais otimistas que alguns pensadores sejam com relação ao futuro da comunicação e das tecnologias digitais, sendo os jovens ágeis e capazes em trabalhar com as diversas ferramentas da informação, o respeito e a conduta ética ainda é balizada pela capacidade de reconhecimento do outro como sujeito das relações sociais.

As telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta à outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transações contratuais, de transmissões de saber, de trocas de conhecimentos, de descoberta pacífica das diferenças. (LÉVY, 1999, p.14)

Por fim, cabe ainda resgatar o papel da universidade de mediador entre o jovem e sua inserção no mundo do trabalho, entendo a comunicação como processo dinâmico na construção das várias perspectivas que a atividade possibilita. Deixar esse debate apenas para o ambiente digital, compreendendo-o apenas como meio, é empobrecer e simplificar a complexa transição da juventude para mundo do adulto.



## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A “Juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro; Marco Zero, 1984.

\_\_\_\_\_. O Campo Científico. In: ORTIZ, R. (org.) **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

CASTELLS, M. A transformação do trabalho e do mercado de trabalho. In: **A sociedade em rede: a era da informação**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Vol.1.

COSTA, C. A juventude eterna já existe. In: KUPSTAS, M. (org.) **Jovem adolescente em debate**. São Paulo; Editora Moderna, 1997.

COUTINHO, M. O público convergente: o uso da internet entre os jovens brasileiros. Cadernos de Pesquisa ESPM, São Paulo, ano 1, n. 3, set/out 2005.

DAHRENDORF, R.. **O conflito social moderno: um ensaio sobre a política da liberdade**. São Paulo; Jorge Zahar Editor, 1999.

FIGARO PAULINO, R. Atividade de Comunicação e de Trabalho. In: **Trabalho, Educação Saúde**. Revista da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação FIOCRUZ. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.107-145, mar/jun.2008. Disponível em <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br>

\_\_\_\_\_. A Comunicação no Mundo do Trabalho: da racionalidade comunicativa à racionalidade do consumo. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

FORRESTER, V . **O Horror econômico**. São Paulo; Editora da UNESP, 1997.

LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANNHEIM, K.. O Problema da juventude na sociedade moderna. In: **Diagnóstico de Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MORAIS, T. C. **Metodologia da avaliação institucional: um estudo sobre os jovens da PUC Campinas dos cursos de Comunicação Social**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, Araraquara/SP. UNESP.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa; Imprensa Nacional da Casa da Moeda, s/d.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: **Cadernos CERU**. São Paulo, série 2, n.3, 1992

SAMPAIO, I.V. Desafios da pesquisa em comunicação com o foco na criança e no adolescente no Brasil. In, **Contracampo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2.o semestre de 2006.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TAPSCOTT, D. A Geração Net no trabalho. In: **Geração Digital**. São Paulo: Makron Books, 1999.